

Suponhamos.

"Hypotheses non fingo" - (Sir Isaac Newton)

Dúvidas preliminares.

Terrorista, com sua metralha, está percorrendo a paisagem. Está correndo rumo ao futuro. Simultaneamente futurologo está observando, no seu terminal, a curva de probabilidade seguida pelo terrorista. O terrorista está correndo rumo ao presente. Finalmente o terrorista salta da paisagem e/ou do terminal sobre a escrevaninha do futurologo e o mata. Ao fazê-lo, declara: "Infelizmente fui obrigado a matá-lo, porque estava obstruindo meu caminho rumo à liberdade". E o futurologo, se ainda pudesse falar, teria dito: "Estava contando com esta probabilidade". Este nó de contradições absurdas é a famigerada "dialéctica da liberdade".

Terrorista e futurologo não têm a mesma visão do futuro. O terrorista está engajado: mergulhado na multidão das ameaças e promessas do futuro. O futurologo está nas pontas dos pés: procura vêr, no além da multidão, as virtualidades do futuro. O terrorista assume o futuro, o futurologo supõe o futuro. Este livro suporá o futuro, estará nas pontas dos pés, mas nem por isto será futurologia.

O futurologo vê o futuro como sendo conjunto de virtualidades que se aproximam, provindas de um horizonte vazio, e tornando-se densas em torno do presente. Situação conhecida esta: como a de limalhas de ferro que se aproximam do imã. Será viável "teoria do campo do futuro", tendo a teoria do campo elétrico-magnético por modelo? Não é viável, porque o futurologo não dispõe de distância teórica com relação ao futuro: embora esteja nas pontas dos pés, está ainda dentro do campo. Prova: o terrorista pode matá-lo. Enquanto não dispormos de guindaste metafísico, devemos desconfiar de todas as teorias do futuro.

O paralelo com o campo elétrico-magnético não é tão bom quanto parece. As virtualidades futuras, ao se apresentarem, viram realidades. Mas podem igualmente dar meia-volta, afastar-se do presente, quando viram impossibilidades. Limalhas de ferro são incapazes de tais cambalhotas ontológicas. O futuro suposto mais se parece com congresso de espectros que com campo eletro-magnético: com alguns dos espectros se materializando, outros se evaporando, mais outros se chocando, e alguns se fundindo e confundindo. Como agarrar os espectros?

Ao supormos que as virtualidades se tornam mais prováveis ao se aproximarem do presente. Ora, tal categoria "proximidade" é mensurável. Graças a ela curvas podem ser desenhadas, curvas que divergem, convergem, se cruzam, que se anulam mutuamente, que formam feixes, e que podem ser extrapoladas. Destarte vai aparecer no ter-

minal "cenário do futuro", o qual permitirá aperfeiçoamento progressivo por introdução de sempre novas virtualidades. O grau de probabilidade de toda virtualidade torna-se mesurável com exatidão crescente, embora haja sempre margem de erro, a qual no entanto tenderá a diminuir progressivamente.

Tudo isto é belo, mas a categoria "proximidade" não deixa de causar calafrios, (como convém a espectros). Diz ela que quanto mais distante determinada virtualidade, tanto mais improvável. Distante de onde? De onde estou eu aqui e agora. Mas eu não estou aqui sozinho: outros me cercam. Alguns dentre eles me são muito próximos, mas seu futuro não é o mesmo do meu. Há virtualidades distantes de mim, mas próximas destes meus outros. Devo desprezá-las nos meus cálculos e curvas? A categoria "proximidade" é aceitável apenas se incluir "o amor ao próximo", mas será que continuará calculável em tal caso?

Continuará calculável: é possível construir-se futuro comum a todos, zona cinzenta entre todos os futuros. Isto permite cálculos exatos, mas tem dois defeitos: não haverá mais horizonte do futuro, (não comporta a morte), e não permite que me reconheça no futuro comum, nem que reconheça os meus outros. Ora, esta é a razão porque este livro não será futurologia: não está ele disposto a sacrificar o reconhecimento do outro, o auto-reconhecimento, nem a consciência da morte. Prefere sacrificar o cálculo exato.

No entanto, este livro dansará sobre as pontas dos pés como se fosse futurologia. Este livro procurará fazer com que suposições, (hipóteses, ficções), saltem dele sobre a escrivaninha do leitor, como as lagartixas de Escher que saem do papel para invadir a mesa. Tais lagartixas são "verosímeis": a sua cabeça é verdadeira, seu rabo é simulacro. São chimeras. Não são nem verdadeiras, nem falsas. São mais ou menos prováveis.

O futurologo procura fazer saltar lagartixas muito prováveis: cabeça grande, rabo curto. Isto não é o propósito deste livro. Homem é bicho que se nutre de improbabilidades. Futurologia é indigesta, por ser tão provável. As lagartixas que saltarão deste livro serão improváveis. "Futuro" tem outro nome: "aventura", (ad-venire=aquilo que se aproxima). Este livro promete aventura. E faz esta promessa agora, (na introdução), para despertar curiosidade. Porque curiosidade é o motivo que faz com que a gente se põe sobre as pontas dos pés, que faz com que a gente suponha.

O futuro vem: amanhã será hoje. Gente curiosa quer viajar do hoje para o amanhã, embora saiba ser isto impossível: aonde estou, lá é sempre hoje. Este livro convida para tal viagem.